

## SINTAGMEMA, MORFOLOGIA E SINTAXE

Paulo A. Froehlich

Em 1956 Henry Lee Smith Jr. apresentou uma comunicação à “Mesa Redonda sobre Ensino de Línguas e Lingüística” que se realiza anualmente no Instituto de Línguas e Lingüística da Universidade Georgetown. O título da comunicação era “Superfixes and Syntactic Markers” (Superfixos e Sinais Sintáticos). Embora o trabalho esteja estruturado com base na língua inglesa, pode ser também aproveitado na análise de outras línguas modernas.

O ponto básico do trabalho é a seguinte afirmação: “A análise morfológica condiciona (subjacendo) a análise sintática” (p. 1). A mesma idéia é defendida em outro trabalho escrito em colaboração com George L. Trager, ou seja, **An Outline of English Structure**, onde se diz que “Os procedimentos para a análise sintática não diferem essencialmente dos já empregados (i.e., da análise nos níveis fonêmico e morfêmico). Com a fonologia completamente estabelecida, e a análise morfológica completada, a sintaxe de uma língua como o inglês pode ser feita objetivamente, sem a intervenção de tradução de sentido ou de quaisquer recursos a fenômenos metalingüísticos” (p. 68). Seguem-se outras explicações na mesma página. Na página anterior do mesmo livro está escrito: “Mas isso (êste método de análise sintática) mostrará a ineficiência de muito do que tem sido chamado de análise sintática, e pode indicar problemas ainda a serem resolvidos”. Outras elucidacões na página 53.

A questão básica e fundamental no nosso ponto de vista é que as línguas humanas (e realmente não pode ser levantada objeção alguma a essa afirmação), apresentam níveis distintos de estruturação (distinct levels of patterning), porém devemos

ressaltar que êsses níveis não são completamente independentes, relacionáveis e interpenetram-se uns aos outros. Assim, o nível sintático está estruturado no nível imediatamente “inferior” (se é que podemos usar tal palavra, pois não há realmente “superior” ou “inferior”, porém um escalonamento, partindo do mais grosseiro, físico, para o mais sutil, ultrafísico, mental), ou seja, o nível morfológico; o morfológico está estruturado no morfo-fonêmico; o morfo-fonêmico está estruturado no fonêmico; e o fonêmico está estruturado no fisiológico-fonético.

Partindo então dêsses princípios Henry L. Smith aponta no trabalho citado quatro classes morfológicas formais (ou “categorias mórficas”). Tais classes básicas são indentificadas pela presença ou ausência de flexões. Essas categorias são:

1. Substantivos — flexionáveis em duas subclasses:
  - a) número (p. ex. **boy-boys, man-men**); b) posse (p. ex. **Boy-boy's, boys-boys', man-man's, men-men's**).
2. Pronomes — flexionáveis em 4 subclasses:
  - a) caso (p. ex. **I-me, he-him**); possuidor 1 (p. ex. **I-my, he-his, she-her**); c) possuidor 2 (p. ex. **I-mine, he-his, she-hers**); d) número (**I-we, me-us, him-them**).
3. Verbos — flexionáveis em cinco subclasses:
  - a) forma nominal (p. ex. **go, love**); b) forma com marca pessoal (p. ex. **go-es, love-s**); c) passado (p. ex. **wen-t, love-d**); d) particípio passado (p. ex. **go-ne, love-d**); e) particípio presente (p. ex. **go-ing, lov-ing**).
4. Palavras inflexionáveis, tôdas as que não foram incluídas nas três classes precedentes.

Resumindo uma afirmação mais complexa, podemos dizer claramente com Henry L. Smith: “Todos os taxemas e demais elementos sintáticos são analisáveis como tais somente no nível sintático, e podem ser descritos sem lançar mão de sentido referencial se a padronização (ou estruturação) dos sinais

sintáticos e dos superfixos fôr cuidadosamente observada nas várias unidades sintáticas”.

No nível sintático, as classes funcionais podem ser distinguidas das classes formais morfológicas pela terminação em “-ais”. O autor identifica, portanto, as seguintes classes funcionais ou categorias sintáticas:

1. **Nominais** — nomes (substantivos) e pronomes em formas simples ou em construções.
2. **Verbais** — verbos em formas simples ou em construções.
3. **Funcionais** — tudo exceto nominais e verbais. Esta classe é subdividida nas seguintes subclasses:
  - a) **Adjuntivais** — palavras invariáveis que ocorrem com acento secundário precedendo verbos ou nomes, ou com acento primário sucedendo a verbos ou nomes.
  - b) **Preposicionais** — palavras invariáveis que ocorrem com acento terciário antes de uma juntura terminal (p. ex. “Where did you go to?” “What are you doing your lesson with?”).
  - c) **Adverbiais** — palavras invariáveis, homófonas com preposicionais, que aparecem com acento primário em construções verbais e com acento terciário em construções nominais (p. ex. *gèt + úp*, *dríve + ín*; *gét + ùp*, *dríve + ín*).
  - d) **Conjuncionais** — outro grupo de palavras invariáveis normalmente ocorrendo com acento fraco ou terciário entre construções de mesmo *status* sintático (“equal syntactic rank”).

O critério básico para o estabelecimento dessas 4 categorias sintáticas são certas características comuns de ocorrência e

estruturação, com atenção especial à estruturação dos superfixos e dos sinais sintáticos comuns aos membros de cada classe.

\*  
\*   \*   \*

O tratamento que ora apresento neste trabalho, embora observando o princípio básico da “análise morfológica condicionando a análise sintática” apresenta novas possibilidades na conceituação de “palavra” e “sintaxe”. Partindo do ponto de vista estruturalista da interdependência dos vários níveis de estruturação lingüística, esta análise dá um *status* diferente aos elementos que compõem o nível sintático.

O ponto básico sobre o qual repousa este trabalho é a estrutura das junturas. Todos os trabalhos de análise lingüística apresentam em geral as seguintes junturas: juntura plus [+], barra simples (“single bar”) [ | ], barra dupla (“double bar”) [ || ], e cruz dupla (“double cross”) [ # ]. Vou ater-me aqui à discussão da juntura plus, em virtude das outras não alterarem substancialmente a estrutura do presente trabalho. Em geral se aceita que a ligação ou juntura que une palavras, i.e., elementos do mesmo *status* sintático, é a juntura plus. Isto acontece com elementos simples. Com os compostos, como no caso de **night-rate**, **black-board**, **old-maid**, **light-house**, etc. há uma juntura que une os dois membros e essa é a juntura plus. Assim, também se indica que a juntura plus une normalmente (ou constitui a transição normal de duas palavras ou elementos sintáticos com o mesmo *status* <sup>1</sup>.

Entretanto, gostaria de apontar para a relatividade dessas afirmações anteriores. Em primeiro lugar, nem tôdas as chamadas “palavras” da língua inglesa têm o mesmo *status* sintático e mesmo morfológico. Isto pode ser corroborado pela estrutura das junturas e também pela estrutura dos superfixos. As ligações que ocorrem normalmente entre elementos como: “He

---

1 — *op. cit.*, p. 38. Aqui, embora o autor cite /*inde*/, não menciona p. ex- /*debook*/ porém constitui observação que vem confirmar o ponto de vista exposto no presente trabalho.

went there, they automatically answered them, they told him no, I did my work, man is mortal”, não são da mesma natureza que as ligações que ocorrem normalmente entre os seguintes elementos: “to town, to the man, in the way, at the moment, by the way, at the station, a book, an orange, some people, this fact, that man”, etc. Se representarmos a juntura plus por uma unidade de tempo  $x$ , nestes casos temos, não só muito menos hesitação ou prolongamento do som (e também do tom) do último fonema do elemento anterior, mas também um tom mais baixo, devido ao fato do último fonema do elemento imediatamente anterior receber geralmente acento fraco e se caracterizar por tom baixo. No que se refere ao tempo, poderíamos representar por  $x/2$ . Poderíamos ainda dizer que este fato não passa de um alofone da juntura plus, mas sou mais inclinado a optar por uma outra juntura sinificativa, pois tem funções tanto no nível sintático como no morfológico. A esta juntura, dou o nome de juntura interna fechada ou juntura minus, representada pelo grafema [-]. Como podemos ver pelos seguintes exemplos, com as junturas indicadas:

He+went+to-the-market #  
They+did+it+at-the-moment #  
By-the-way | how+did+you+solve+the-problem ||  
The-man+spoke+to-the-girl #  
In-the-course+ of-hu-man+events |  
They+were-walking+a-long+the-road #  
They+went+a-way #

Observando então a estrutura que as junturas e os superfixos apresentam, podemos usar como critério para o estabelecimento das classes básicas ou categorias sintáticas e das classes secundárias, ou dependentes, que são funcionalmente determinadores. As classes categóricas são formadas por aqueles elementos que são sempre ligados por uma juntura plus e geralmente por acento forte. As classes secundárias ou determinadores são sempre ligados às Bases (que são invariavelmente elementos das classes básicas) pela juntura minus e geralmente levam acento fraco. Entretanto devemos dizer que as classes secundá-

rias não têm o status de categoria sintática, são na realidade dependentes com função de determinadores. O que prova essa asserção são as diferenças básicas de distribuição, estrutura, ocorrência e relacionamento com as junturas e superfixos.

Temos portanto na língua inglesa as seguintes categorias sintáticas ou classes básicas:

1. NOMINAIS
2. PRONOMINAIS
3. ADJUNTIVAIS
4. VERBAIS
5. ADVERBIAIS

1. Nominais — nomes em forma simples ou em construções. P. ex. **The warden drove the boy out at night; the tall game warden drove all the people out at night.**
2. Pronominais — P. ex. **“He drove the boy out at night; He drove all the people out at night.”**
3. Adjuntivais — em forma simples ou em construções. P. ex. **“The man speaks fast; the man speaks very quickly.”**
4. Verbais — em forma simples ou em construções. P. ex. **“They walked along the street; They had been walking along the street when they saw us.”**
5. Adverbiais — em forma simples ou em construções. P. ex. **“He went there; They came yesterday; He drove them out.”**

Em segundo plano, temos os dependentes, que funcionalmente são determinadores e não constituem lexemas nem taxemas pois não têm o mesmo status das 5 categorias precedentes. Estes Determinadores, na língua inglesa são:

1. Positores — p. ex. **in, on, to, at, from, by.**
2. Indicadores — p. ex. **the, this, that, these.**
3. Indefinidores — **a, an, one, some, any, many.**
4. Intensificadores — p. ex. **very, more, less.**
5. Conectores — p. ex. **of, that, though, and.**

Um fato semelhante ocorre no dialeto bolonhês do Italiano. Existem nesse dialeto três níveis acentuais significativos: fraco, médio, forte. Também observamos que os elementos léxicos, as “palavras” em geral são geralmente unidas pela juntura interna aberta ou juntura plus. É a transição normal entre os elementos léxicos. Porém notamos também nesta língua que a transição normal entre certos elementos dependentes e um elemento léxico ou Base, se caracteriza por uma transição muito mais breve. Também aqui observamos que a estrutura de acento obedece a uma padronização e a uma distribuição complementar. Estes elementos dependentes geralmente levam acento fraco e são ligados às bases pela juntura interna fechada ou juntura minus, como denominei no meu trabalho **Some Problems in the Morpho-Phonological Structure of Bolognese**, na parte relativa às Junturas 2.

Como podemos ver pelas seguintes frases:

i-studènt + ai-entràn + in-dla-klas #  
nueter + ivèn-andant + in-dla-klas #  
il-zuvnò + a-skriv + su-lesiòn #  
lour + i-faññi + i-su-lesiòn #  
lour + ivèn-andant + par-Romma #  
nueter + a-mañàn + del-pàn #  
nueter + ai-entràn + in-dla-klas | primm-dla-lesiòn #

Pelos exemplos apresentados acima podemos ver que há uma correlação sintática entre a estrutura de acento e as junturas e o **status sintático** dos mesmos elementos. Podemos ver, por

exemplo, que os elementos “in” e “dla” recebem geralmente acento fraco e estão ligados a “klas” pela juntura minus, ou juntura interna fechada. O mesmo ocorre com o elemento “del” em relação a “pàn” e com outros itens. Vemos por aí que há uma estruturação ordenada na distribuição do acento fraco nesses elementos juntamente com a distribuição da juntura minus e a classe de elementos mórficos aos quais dou o nome de Base. Daí chegamos à conclusão que a ocorrência dos acentos fraco e forte, das várias junturas, nos diversos elementos não é arbitrária mas obedece a uma norma. Mais do que isso, êsses elementos fônicos são significativos, pois indicam o *status* morfológico dos vários elementos léxicos e gramaticais com os quais estão estruturados.

De tudo o que foi dito acima, na língua inglêsa por exemplo, podemos ver claramente que os elementos denominados de Determinadores (que são dependentes no que se refere à ocorrência), não podem ser considerados como elementos léxicos ou lexemas, como são, por exemplo, **man, go, there, they**, etc. Numa apreciação geral êsses elementos, os dependentes ou determinadores estão numa grande classe secundária (porém não categórica), e mesmo no grupo de ocorrência de alguns dos chamados prefixos, como por ex. **mis-demeanour, mis-print, re-form, de-note, de-code**, etc.

A grande diferença entre o tratamento apresentado por Henry L. Smith no seu trabalho **Superfixes and Syntactic Markers** é que êsses elementos mórficos (como preposições, artigos, adjetivos) são apresentados como classe sintática categórica: os Funcionais, que são lexemas, ao passo que no ponto de vista apresentado aqui êsses elementos (os determinadores) não têm realmente *status* de categoria léxica, morfológica, ou sintática, mas são elementos fônicos, mórficos, e funcionalmente determinadores. Nunca ocorrem isolados, ou se ocorrem, está presente na mente do falante o seu relacionamento a uma Base. Tudo também pode ser expresso pelas palavras determinante e determinada; a base é o determinante e os demais elementos os determinados.



Além disso, essa análise afeta o conceito de “palavra” ou lexema, e dá nova estruturação ao nível léxico, pois de acôrdo com êste ponto de vista uma “palavra” ou lexema é uma base que pode ser precedida de um ou mais determinadores e seguida de suas possíveis flexões. Sòmente preenchendo êsses requisitos podemos dizer que estamos diante de um lexema ou item léxico pròpriamente dito. Também podemos dizer que um lexema está sempre contornado por junturas plus, nunca por junturas minus. Assim, no inglês temos por exemplo o chamado artigo definido, invariável, que tradicionalmente é considerado uma “palavra”. Porém examinando a sua distribuição e o seu relacionamento com os elementos com os quais se combina, chegamos logo à conclusão que não tem o mesmo **status de man, child, there, go, etc.** Assim dizemos: **the child, the man, the eternal now, the permanent atoms, etc.** Observando-se atentamente a juntura que liga “the” aos vários elementos que o sucedem vemos que essas junturas, no seu todo, tem uma padronização bem diferente das junturas que ligam por exemplo, “John saw Jim walking,” etc. A transição entre “John” e “saw” ou entre “saw” e “Jim” é muito maior que entre o elemento “the” e os elementos que o possam seguir. Também têm uma tonalidade mais baixa em relação à juntura plus, como já foi dito. Sob êste ponto de vista, “in-the-way”, “from-the-sea”, “for-you”, “at-the-spot”, “up-the-street”, “down-the-road”, etc. são lexemas individuais e não grupos de palavras ou adjuntos nominais, verbais, etc.

Neste breve estudo não temos a intenção de caracterizar em todos os seus detalhes os problemas relacionados com o conceito de lexema, porém temos que afirmar que nunca podemos cientificamente afirmar que “the”, “in”, “very”, “an”, ou “that” são lexemas com o mesmo **status de “child”, “man”, “go”, “there”.**

Tudo o que dissemos nesses últimos parágrafos constitui uma tentativa para relacionar os vários níveis de estruturação lingüística, especialmente o léxico, o morfológico, e o sintático. Entretanto, as considerações sôbre os determinadores e uma

respectiva base refem-se mais ao nível morfológico, ou morfêmico, pois nessas considerações está implicado sempre um morfema base, ou simplesmente base. 3.

Assim, chegamos ao ponto onde podemos ver as relações entre morfologia e sintaxe e indicar o que é realmente morfologia e sintaxe. Entretanto, temos que declarar que as conclusões que se seguem não podem ser generalizadas e aplicadas a tôdas as línguas porém a certas línguas do grupo indo-europeu e a algumas outras línguas de outros grupos lingüísticos.

Otto Jespersen, no seu livro **The Philosophy of Grammar**, discute, a partir da página 374, as divisões da gramática. Apresenta Jespersen o que êle denomina de tratamento tradicional, que inclui as seguintes divisões:

1. Acidência ou Morfologia
2. Formação de Palavras
3. Sintaxe

Diz o citado autor que “no esquema tradicional a morfologia é geralmente dividida em capítulos, cada um tratando de uma das comumente reconhecidas “partes do discurso”. Em seguida dá uma ordem, iniciando com os substantivos seguidos dos adjetivos, e terminando com as conjunções. A segunda parte, Formação de Palavras (inglês **word-formation**, alemão **Wortbildung**, francês **dérivation**). Nesta parte o sentido de cada elemento derivativo (prefixo, sufixo) é geralmente dado com a sua forma. A terceira parte, Sintaxe, em grande parte refere-se à significação (i.e. função) das formas flexionais que foram tratadas sob um ponto de vista diferente na primeira parte (casos de substantivos, tempos e modos de verbos, etc.)

---

3 — Uma análise de formas em que apenas uma base está envolvida deveria se chamar *morfêmica*, de morfema-base, ou simplesmente, base. E o termo *morfologia* deveria ser aplicado ao estudo das formas e sua estruturação, podendo, portanto, incluir a sintaxe.

4 — London, George Allen & Unwin Ltd., 1951.

mas não dos tratados na parte da formação das palavras. Em alguns capítulos sobre a sintaxe vemos que os aspectos formais e funcionais de cada fenômeno são tratados no mesmo lugar (. ex. construção de frases, ordem de palavras).

A seguir êle dá um nôvo sistema, de um lado (O → I): tomamos uma forma dada e então pesquisamos o seu sentido ou função; na segunda parte, (I → O), inverte-se o processo e tomando o sentido ou função e pergunta-se como isso se expressa na forma.

Na primeira parte, portanto, procedemos da forma para o sentido; a esta parte proponho chamar morfologia. A segunda parte inverte o processo, partindo do sentido chega-se à forma. Chamo a isto Sintaxe.

Este tratamento é evidentemente muito confuso, pois segundo foi exposto, trata-se apenas de diferença de método, não de nível. Não há, portanto, necessidade dêsses dois processos, pois um leva ao outro. O que o autor não chegou a perceber é que não há sentido (função) ou mesmo pensamento isolado de uma determinada língua, e esta isolada de uma determinada cultura. O sistema lingüístico é na sua base configuracional e simbólico. Daí segue-se que os padrões lingüísticos condicionam o sentido ou o pensamento, considerados como tais, êstes (os padrões lingüísticos) são arbitrários e limitam a gama de percepções da realidade. Em tudo isto, o autor não chegou a tocar nos pontos importantes da morfologia ou da sintaxe.

Já Lucien Tesnière, no seu livro **Éléments de Syntaxe Structurale**, se aproxima bem mais do fato sintático quando diz que “tôda palavra que faz parte de uma frase cessa por si mesma de ser algo isolado como no dicionário. Surge aí a conexão, a estrutura básica da frase”. Diz também o seguinte: “O objeto da sintaxe estruturalista é o estudo da frase”, “A frase é um conjunto organizado onde os elementos constituintes são as palavras” 5.

Outra opinião recente sôbre o assunto é a de Joshua Whatmough que diz: "Now it is not the minimal units, but their relations to one another, their mutual positions of occurrence, that perform the functions necessary to the working of the code" 6. E pouco mais adiante diz o seguinte: "Without the pattern the language could not be; the language is the pattern and the pattern the language. Without system language could never have come into existence as a capacity for **classifying** and **symbolizing** experience; it would have remained for ever undifferentiated and chaotic" (p. 105).

Embora suas afirmações não vão completamente de encontro ao ponto de vista expresso neste trabalho, Whatmough dá importância capital ao fato do **relacionamento** (ou conexão, usando o termo de Tesnière), "as mútuas posições de ocorrência, que são significativas para o funcionamento do código". Temos que entender que o fato básico da sintaxe é a **hierarquia linear de ocorrência**. Sob êste ponto de vista, línguas como o Latim, o inglês antigo, a língua de Ponapé (Pacífico), não possuem sintaxe, mas apenas morfologia, ao passo que o inglês moderno, o chinês, e mesmo até certo ponto o português moderno são línguas que dão importância capital à sintaxe, para as mensagens (ou sinalizações) lingüísticas. Não é a ordem em si, mas as funções da hierarquia linear de ocorrência, que tem valor substancial.

A sintaxe, como foi definida e explicada neste trabalho, inclui estudo de pelo menos duas bases (e seus respectivos dependentes), isto é, dois lexemas, ou a sucessão ordenada, padronizada dêsses elementos. Os lexemas, estruturados no nível morfológico, são os elementos que vão constituir os sintagmas. Na verdade, os lexemas são as unidades do nível léxico, e temos que entendê-los mais como elementos isolados que relacionados. No nível sintático, entretanto, são êsses mesmos lexemas que aparecem como unidades (ou o material, os "tijolos") que

---

6 — *Language, a Modern Synthesis*. New York, The New American Library, 1957, p. 103.

formarão os **sintagmas**. Essas unidades são formadas (ou retiradas) do nível imediatamente “inferior” ou mórfico-léxico, e aparecem com função específica, **relacionados**, no nível sintático. São os **taxemas**, como diz Bloomfield (*Language*, p. 166). Portanto, quando digo:

He+sang+at-the-party #  
He+studies+at-the-university #  
We+are-walking+along-the-street #  
They+have-been-studying+since-noon #  
The+game+warden+drove+them+out+at-night #

Temos taxemas apenas onde há contôrno por junturas plus. No primeiro exemplo apresentado acima, teríamos três taxemas constituindo um sintagma. No segundo exemplo, também três taxemas; no último exemplo, quatro taxemas, em um sintagma.

Quando comparamos vários sintagmas e notamos que existe entre êles uma norma estruturada de ordem, com propósito definido, chegamos ao sintagmema, que é uma fórmula, conceito, que está ao lado dos conceitos de fonema, morfema, taxema, etc. Portanto, paralelamente, como o fonema (no seu aspecto abstrato) não pode ser pronunciado, o sintagmema é apenas uma fórmula, uma ideação, porém tão real como qualquer fato material. Temos que notar ainda que o nível sintagmêmico não é simplesmente a expressão do conjunto de taxemas, mas sim a fórmula que potencialmente expressa e como certos sintagmas se estruturam. É o nível ao qual Benjamin L. Whorf deu o nome de “Arupa” (i.e. “sem forma”), não querendo dizer, entretanto, “sem forma ou organização lingüística, mas sem referência à forma visual, espacial” (i.e. delimitado pelo mundo de três dimensões). É o “mundo da padronização por excelência” 7.

7 — «Language, Mind, and Reality” in *Language, Thought, and Reality*. New York, M.I.T., 1958, p. 253.

Enfim, o plano do sintagmema é o mundo formulaico, sintético, do sem-forma. Poderíamos também dizer que tudo isto pode ser expresso sob o ponto de vista das dimensões (que é matemática). O nível sintagmêmico é uma nova (ou superior) dimensão que inclui as precedentes e que, em potencial, abarca todos os demais níveis inferiores.